



## EDITORIAL

## Que Venha a Inteligência Artificial em Auxílio à Medicina

### *May Artificial Intelligence Come to the Aid of Medicine*

**Gustavo Feitosa<sup>1</sup>, Gilson Soares Feitosa<sup>1,2\*</sup>**

*<sup>1</sup>Professor Titular da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; Diretor de Ensino e Pesquisa do Hospital Santa Izabel da Santa Casa da Bahia; Editor da Revista Científica Hospital Santa Izabel, Membro Emérito da Academia de Medicina da Bahia; <sup>2</sup>Cardiologia pelo Incor/Faculdade de Medicina da USP, Cientista da Computação pela UNICID, Gestão de Tecnologia na Universidade SENAI CIMATEC, Docente na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; Salvador, Bahia, Brazil*



Pode-se alinhar o desenvolvimento da humanidade a conquistas do conhecimento científico. Ao longo dos últimos milênios, algumas delas, como a linguagem escrita cuneiforme na Mesopotâmia em 3500 a.C., os hieróglifos do Egito e a prensa de Gutenberg para impressão de textos no século XV, foram fundamentais para o progresso humano.

É inegável que a era moderna dos computadores, iniciada nos anos 40 e mais intensamente desenvolvida a partir das décadas de 1960-70, tenha um potencial tão ou mais relevante que o da invenção da própria imprensa. E agora nos avizinhamos da utilização da inteligência artificial, que tem como fulcro principal a capacidade de processar descomunais quantidades de informação num curtíssimo período de tempo.

O emprego das redes neurais e de supercomputadores já permite coletar e processar dados provenientes de diferentes fontes, apontando novos caminhos e gerando conhecimento de forma acelerada. Já existem, em medicina, milhares de exemplos bem-sucedidos lidando com imagens, textos e dados clínicos. Por exemplo, a partir de milhões de informações contidas em um simples traçado eletrocardiográfico, a inteligência artificial (IA) consegue enxergar padrões inalcançáveis ao olhar humano, diagnosticando diabetes mellitus, insuficiência cardíaca ou mesmo prevendo seu surgimento.<sup>1</sup>

A incorporação da IA na assistência enfrenta um obstáculo evidente: a necessidade de absoluta confiabilidade. Cada decisão clínica pode impactar de forma crítica a saúde de um paciente, e por isso qualquer ferramenta

#### Correspondence addresses:

Dr. Gilson Soares Feitosa  
gilson-feitosa@uol.com.br

Copyright © 2025 by Santa Casa  
de Misericórdia da Bahia.  
All rights reserved.  
ISSN: 2526-5563  
e-ISSN: 2764-2089

precisa ser testada, validada e comprovada em diferentes cenários antes de ganhar espaço na prática. Diferentemente das áreas administrativas, como gestão de agendas ou controle de estoques, onde erros têm impacto limitado, na assistência ao paciente as margens de falha são menores. É justamente essa criticidade que explica por que a adoção clínica da IA caminha de forma mais lenta, embora já avance de maneira consistente em diagnósticos, tratamentos e estratégias de prevenção.<sup>2</sup>

A capacidade de criação de conhecimento quase autônoma já povoava por décadas o imaginário, gerando receios de domínio da máquina sobre o homem. A literatura, o cinema e a ficção científica exploraram tais cenários, muitas vezes de forma fantasmagórica. No entanto, a realidade é mais complexa e exige análise rigorosa. Diversas entidades regulatórias em todo o mundo já se debruçam sobre a normatização do uso da inteligência artificial, definindo critérios de segurança, privacidade e transparência.

A história mostra que toda inovação enfrenta resistência. Os escribas que copiavam livros temeram a prensa de Gutenberg. Os profissionais que processavam manualmente dados resistiram ao computador moderno. Com o tempo, ambas as tecnologias se tornaram indispensáveis. É previsível que o mesmo ocorra com a inteligência artificial.

Entretanto, o entusiasmo não pode ocultar os desafios. Os algoritmos refletem a qualidade dos dados em que foram treinados e podem reproduzir vieses, amplificando desigualdades. A explicabilidade das decisões das máquinas permanece limitada, e a supervisão humana é indispensável. Além disso, há o imperativo ético: preservar a privacidade dos pacientes e garantir que o uso da tecnologia seja feito em benefício da pessoa, não do sistema ou do mercado apenas.

Na medicina, a IA deve ser vista como ferramenta de apoio, não como substituto. O diagnóstico preciso, a escolha terapêutica e a relação de confiança com o paciente continuam sendo dimensões humanas. A inteligência artificial pode ampliar horizontes, mas não substituir a escuta, a empatia e o olhar clínico.

O futuro aponta para uma integração cada vez mais estreita entre o conhecimento médico e as ferramentas digitais. Se bem conduzida, essa união permitirá diagnósticos mais precoces, maior eficiência no cuidado, redução de custos e até maior equidade no acesso à saúde. Mas esse caminho exigirá de nós, médicos e pesquisadores, responsabilidade, senso crítico e compromisso ético.

Diante da inevitabilidade do progresso, o esforço deverá ser de dar-lhe rumo responsável para o bem da humanidade em todas as suas dimensões. E, no que diz respeito à nossa área de maior interesse, a Medicina, que a inteligência artificial seja sempre usada em benefício da prevenção, do diagnóstico apropriado e do tratamento adequado, tendo como fulcro inegociável o olhar humano.

## Referências

1. Abdulnour RE, Gin B, Boscardin CK. Educational strategies for clinical supervision of artificial intelligence use. *N Engl J Med* 2025;393:786-797.
2. Xie Y, Zhai Y, Lu G. Evolution of artificial intelligence in healthcare: A 30-year bibliometric study. *Front. Med.* 11:1505692. doi: 10.3389/fmed.2024.1505692.